

CAR
NE

COLETIVO
DE ARTE
NEGRA

Criado em Pernambuco em 2016, o **CARNE - coletivo de arte negra** é um grupo de artistas, comunicadorxs, produtorxs e pesquisadorxs livres que se reúnem no Recife e Região Metropolitana visando elaborar espaços de fruição, veiculação e articulação dos imaginários dissidentes. O CARNE recria antigos espaços e prospecta novos lugares para agentes culturais que encontram barreiras para o escoamento de suas produções. Entendemos a necessidade de semear espaços e pensamentos que reflitam a construção da autonomia desses corpos diaspóricos frente às adversidades postas historicamente e ainda hoje reforçadas pelo estado e meios privados.

Desde a fundação, o CARNE incentiva a intersecção a linguagens artísticas, tanto através de eventos quanto em propostas de trabalhos trazendo sempre práticas com cunhos antirracistas. Com esse pensamento, em 2016 o CARNE realiza o **1º Encontro de Artes Negras de Pernambuco (EANPE)**, fórum direcionado a abrir a discussão e reflexões sobre a arte negra no Estado. Com três edições (2016, 2017, 2018), o festival de artes integradas **PALCO PRETO** tem seguido os caminhos apontados pelo EANPE, e articula através da arte alternativas reais de desenvolvimento para o povo e para a cultura negrodscendente do país. Individualmente e em grupo, xs membrxs do coletivo atuam em diversos segmentos artísticos – dança, artes visuais, música, performance, cinema, etc – e em vários campos do conhecimento, como gestão pública, comunicação e educação. As diferentes expertises são utilizadas em prol da democratização do acesso dxs artistas e produtorxs racializadxs aos bens culturais e, sobretudo, a autonomia criativa e financeira.

B
A
L
R
O

P
R
E
T
O

O Palco Preto é um Festival de Artes Integradas promovido pelo CARNE-Coletivo de Arte negra, que teve sua primeira edição em outubro de 2016 na Casa do Cachorro Preto - Olinda, PE. O Festival se caracteriza como uma política ativa de revitalização e difusão do imaginário negro através de linguagens e acontecimentos artísticos. Sua segunda edição ocorreu nas cidades de Camaragibe; Recife e Olinda, abarcando em sua programação cerca de 60 artistas e atingindo uma estimativa de público de mais de 400 pessoas. O Festival conta com ações formativas e políticas de escoamento de produções para povos negrodscendentes historicamente marginalizados. Tem como objetivos: proporcionar espaço e estrutura para o fortalecimento de uma rede integrada de artistas independentes; fomentar a integração das artes; problematizar a temática da produção artística negrodscendente; provocar o diálogo entre artistas racializados de Pernambuco e de outros estados; oferecer espaço de formação de artistas; estimular a realização de curadoria artística, com artistas-pesquisadores; promover a grupos e artistas a fruição e visibilidade de seu fazer artístico, além de oferecer ao estado um evento que ofereça processos e materialidades da arte em suas diversas linguagens; realizar mapeamento, através do processo curatorial, de grupos e artistas negrodscendentes do estado;

Este pensamento/prática busca compreender como a presença de corpos negros co-habitam com dinâmicas já cristalizadas, investigando as diferentes possibilidades de diálogo do pensamento sobre o que pode ser um território (corpo-espaço) e como retratá-lo. Não sendo a imposição de um discurso essencialista, tem como expectativa, provocar a experiência corporal da invisibilidade, a implosão de atos de fala, do estigma, bem ou ainda estratégias de sobrevivência que vão delineando centro e periferia. Todas essas vinculadas imagética/sensorialmente através da abertura de espaços possíveis de diálogo entre produtores e pensadores negros e negras. A invenção da narrativa hegemônica introjetada presentes e em atrito na experiência cotidiana de ser, conforma uma efusão de questionamentos acerca de práticas que circulam entre colonialidade e decolonialidade. Estados físico-mentais que sugerem uma narrativa picotada da relação com criação do “ser negro”.

A busca de nos perceber semelhantes, um resgate identitário mesmo que através de histórias impostas, faz parte de um processo de reconstituição e retomada de espaços subjetivos e físicos dentro da cidade. Processos de troca de entendimentos provindos de vínculos interpessoais turvos e quase desconhecidos, laços enebriados por densas camadas de práticas de colonização. Afinal o que nos liga e nos encontra? Seria realmente apenas a efabulação de uma memória?

O Palco Preto propõe abertura e estrutura para criação de mais uma rede integrada de artistas independentes negros. Artistas esses que historicamente circulam a margem do mercado artístico devido ao fato da produção de arte negra em geral estar associada a estéticas tradicionais (efabuladas) para adentrar em espaços expositivos dentro dos circuitos hegemônicos de arte. Não tendo assim, representatividade em grande parte de galerias, palcos, arenas e cinemas com outros tipos de produção. O processo histórico que nossa sociedade viveu e permanece reverberando, levou o artista negro à zona de isolamento junto de sua produção e assim o mantém.

Artistas negrodescendentes são minoria nos circuitos, em galerias, palcos e demais espaços de escoamento de produções de arte. Estes artistas contemporâneos que não circulam apenas pelos aspectos tradicionais tem seu espaço castrado e minimizado. Tática herdada e constantemente utilizada, mesmo que não intencionalmente, pela hegemonia branca para maquiar o fato da produção negra, dentro da sociedade, habitar e construir variados campos de conhecimento.

Aproximar gerações, ciclos sociais distantes, são portas para um replanejamento do território imaginário cultural negro. A história da negritude por tempos foi, e infelizmente, é interpelada por processos de apagamento de memória e costumes. Tudo isso se deu quando iniciaram a proibição de reuniões, produções e compartilhamentos entre pessoas racializadas. A partir desse momento o imaginário foi posto à margem e muito conteúdo se perdeu. E onde, hoje, procurá-lo? O Palco Preto propõe o estabelecimento dessas reuniões voltadas para esse imaginário que no tempo presente se contrapõe a processos de homogeneização da criação e do pensamento.

É de interesse do festival ampliar o entendimento sobre o que é a produção de arte negrodescendente, buscando disponibilizar acesso a mais artistas que por questões históricas e por possuírem produções de obras fora dos quesitos mercadológicos já estipulados, têm espaços negados e possivelmente carreiras artísticas podadas por falta de currículo, criando assim, um ciclo vicioso de marginalização de sua produção. O Festival compreende a necessidade da quebra desse ciclo e propõe um espaço específico para demonstração do que vem sendo produzido e do potencial dessa classe artística do estado e do país, convocando artistas de grande relevância no cenário local e nacional.

2016 / / / / /

A primeira edição, do até então festival, **Palco Preto**. Surgiu a partir de um convite para curadoria no espaço da Casa do Cachorro Preto em Olinda-PE. A partir disso reunimos 10 artistas para fazer fruir suas produções em uma aparição relâmpago na cidade de Olinda que arrastou um público suficiente para lotar o local do evento. Após a experiência marcante de receber uma noite de apenas produções de subjetividades racializadas, foi de consenso o prosseguimento com a execução do projeto pensando em uma ampliação da programação com mais artistas e mais espaços envolvidos.



Espectáculo 'Cartas para Alemanha' de Elze Maria Barroso no Cine Teatro
Bianor Mendonça, Camaragibe – PE

© Priscilla Mello



artistas participantes *////*

Ariana Nuala
Caetano Costa
Cíntia Lima
Jhanaína Gomes
Marina Mahmood
Kildery Iara
Orun Santana
Rebeca Gondim
Thiago Mêrces

Registro da performance de René Loui Museu de Artes Afro-Brasil Rolando Toro

© Priscilla Mello



2017 /////

Artistas pretos movendo três cidades !

O 2o palco preto é um festival que facilita e incentiva a reunião de artistas negras e negros que circulam pelo território nacional, tendo o principal foco no estado de Pernambuco e a quebra do ciclo de produção e permanência marginal dentro dos circuitos de arte.

Após a iniciativa do primeiro palco preto realizado com curadoria interna do coletivo CARNE, o II Palco Preto está sendo realizado a partir de uma convocatória com grande aderência que só confirma o expressivo número de produção preta existente e a necessidade de espaço e incentivo para o escoamento dessa produção.

Sem incentivos públicos, o palco preto é produzido pelo Coletivo CARNE. Uma iniciativa autônoma e independente, de pessoas pretas para pessoas pretas.

A edição aconteceu em dois momentos:

>>>>> *FORMAÇÃO*

No período de 27 de outubro a 08 de novembro na cidade de Camaragibe- PE, no bairro do Recife Antigo e Chão de estrelas.

>>>>> *FORMAÇÃO*

No período de 07 a 11 de novembro nas ruas do Recife, Torre Malakoff e no MUAFRO – Museu de Artes afro RolandoToro.

Registro da performance BENEDITA de Gabi Cavalcante
na Torre Malakof; Recife – PE.

artistas participantes /////

Amanda de Souza (PE); Bell Puã (PE); Caetano Costa (PE); Pãocomegg (RJ);
Guilherme (PE); Nena Callejera (PE); Nathália Ferreira (PE); Janaína Gomes (PE);
Rafael Soares (PE); Maxmiliano Roger (PE); Philippe Souza (PE); René Loui(RN);
Kalor Pacheco (PE); Brunna Martins (PE); Silvia Alves Pinto (RN); Soma (PE);
Thiago Dyllan (PE) + artistas estudantes da escola de Arte Municipal João
Pernambuco; Jéssé Félix (RN); Angelo Fábio (PE); Mente Construtiva (Neto Cabuh;
Zé Bandoleiro; Leo MC, Carlos Santos) (PE); Nanny Nagô (PE); Gabi
Cavalcante(PE); ONIROUBE(PE); RM coleção de moda(PE); Guilherme Rodrigues
(SP); Joziel Santos (coletivo de teatro MOIJARGÃO) (RN); terrobixa (PB); Thiago
costa (PB); Yuri Ilumin (PE); Hamal (PE); Lara França e Marcus Túlio (PE); Irla Sab
(PE); Suh Amorim e Carbonel(PE); Mainara de Melo (PE); Rany Hilston (PE);
Patricia Naia (PE); BIONE (PE); Jogadaway (RJ); Anti Ribeiro (PE); LIBRA (PE);
Coletivo Arte em Movimento (PE); Duo Talu (RN); Maria Miranda (BA); Adelmo do
Valle (PE); Mobia Ferreira (PE); Flor de Pernambuco (PE); Cartel Gangsta
Camaragibe (PE); Perlla Rannielly (PE); Klarissa Faye e Mário Miranda (PE); Elze
Maria Barroso (RN); Rasta Fraude (PE).



Registro da performance de Moabia Ferreira no Cine Teatro Bianor Mendonça, Camaragibe – PE.



2018 // // // //

As ações formativas que compõem o III Palco Preto foram gratuitas e empenhadas c contemplar artistas e público pretos: periféricos ou não, gordes ou não, jovens e/ou idosos, LGBTTQIA+ e/ou pessoas portadoras de deficiências.

Na terceira edição o Palco Preto contou com duas residências artísticas na Região Metropolitana e uma extensa programação de atividades formativas, mostras audiovisuais, shows, *slam*, exposições, espetáculos e performances.

Um rede integrada de artistas independentes negrodscendentes, iniciantes e veteranes, unides para continuar criando e trocando saberes – profissionais que historicamente circulam â margem de um mercado capitalista pelo qual o racismo é institucionalizado. Essa minimização do espaço dx artista negre encobre a informação de que habitamos e construímos os mais variados campos de conhecimentos, para além da estética tradicional assimilada.

Registro da performance 'Suco de Pregos' de Klarissa Faye e Mario Miranda.

© Priscilla Mello



BIARRITZZZ (Bia Rodrigues), Videoinstalação, Recife – PE.

© Priscilla Mello

artistas participantes /////

Aline Ferreira (RN); Amethyst (PE); Anne Souza (PE); Ayla Alencar (PE); Briê Silva (PE); Bárbara Espíndola (PE); Castiel Vitorino Brasileiro (ES); Ceci Bandeira (PA); Coletivo Amarna (PE); Coletivo Bartira (PE); Coletivo Despudorado (PE); Coletivo Encruzilhada (PE); Daniela de Bastos (PE); Eliana Barbosa (CE); Elton Sacramento (RJ); Elze Maria Barroso (RN); Erlon Warner (PE); Flaudimir Mender (RN); Gil Puri; Giralayne Vitória (PE); Hammal (PE); Hariel Chrystinne (GO); Jean Santos (PE) João Mosca (BA); Juliabe Balbino (PE); Jéssica Gabriela (PE); Maju (PE); Marconi Bispo (PE); Maria Macêdo (CE); Migvel (PE); Mole (PE); Mun Ha (PE); Priscilla Ferraz (PE); Rodrigo Leão (PA); Theus Shamaxy (BA); Zé Iná (PE) ,.

///// PROGRAMAÇÃO III PALCO PRETO

OFICINAS ////

- Residência Corpos Líquidos com Pilar Echaverria

22 à 30 de outubro

Locais: Maumau 22 a 25/10: 13h às 17h;

Museu Murilo La Greca 26/10: 13h às 17h;

Maumau 27/10: 13h às 17h;

Itamaracá 29 a 30/10.

- Elaboração e Gestão de Projetos Artísticos com Rodrigo Cavalcanti

23 e 25 de outubro de 14h às 18h no Museu Murillo La Greca

- Economia Criativa para Empreendedores com Oluiyá França

23, 24 e 25 de outubro de 9h às 13h no Museu Murillo La Greca

OFICINA PARA CRIANÇAS //

- "Histórias Pretas" com o Coletivo Eu Passarinho

30 de outubro de 14h às 18h no Museu Murillo La Greca

MOSTRA + FESTAS + MESAS ////

- Abertura da exposição

26 de outubro no Museu Murillo La Greca

- 16h - Ilê Aiyê: Contos da terra e da vida com Adélia Oliveira e Emerson Santana
- 18h-21:30h: Performances de Briê Santos, Clivson David e Mário Bros + Maquiavel MC + Yuri Ilumin + Mole (Ilumin dance).

- Fervo Preto

27 de outubro na Galeria Maumau

- Performances de Gil Puri, Barbara Espindola e Crys Guimarães,
- Twerk Recife, Amethyst e Coletivo Bartira na Galeria Maumau a partir das 21h.

- Mesa: Recriação do imaginário

30 de outubro, às 19h no Murilo La Greca

- Debate com Lia Letícia , Rosa Miranda e Cíntia Lima.

- Leitura de portfólio com Edson Barrus

06 de novembro às 15h no Museu Murillo La Greca

+ Mostra de filmes, 18h:

- Entre Pernas - Dir. Ayla Alencar (Recife, 2018); dur. 20 min;
- Superpina - Dir. Jean Santos (Recife, 2017); dur. 25min;
- A Vida Delas - Roteiro - Dir. Mariana Souza (Recife, 2018) dur. 6 min.

- Mostra de filmes

3 de novembro, às 20h no Centro Cultural Coco de Umbigada

- Mayra está bem - Dir. Juliana Lima (Recife, 2017); dur: 8min
- Travessia - Dir: Safira Moreira (Rio de Janeiro, 2017); dur: 5min
- Elogio à Utopia - Dir: Caio Araújo (Salvador, 2017); dur: 63min

- Museu da Abolição

3 de novembro, 13h às 19h

Performances:

- “Um Corpo Cavalgado” - Elze Maria Barroso (RN)
- “Mãe Mantra” - Jéssica Gabriela (PE)
- “Reflexo Encarnado”- Gi Vatroi (PE)
- ” Alento ao invés de tormenta!” - Aline Ferreira (RN)
- “Tálamo” - Maria Macêdo (RN) “MI3” Eliana Amorim (CE)

e às 17h o espetáculo “Luzir é Negro”- Teatro de Fronteira (PE) .

+

Feira de Publicação Independente (PALCO PRETO + MOPI)

- 11NOV - 18NOV - ETAPA CAMARAGIBE

***////* ARTISTAS-ARTICULADORXS**



ABINIEL JOÃO NASCIMENTO

(1996 | Carpina – Pernambuco – Brasil)

www.abinielnascimento.com

www.instagram.com/abinielnascimento

Buscando sublimar o tempo, transmutando as narrativas historiográficas, parto da investigação dos processos que permeiam meu corpo como método para materialização de minhas pesquisas.

Em minha obra me debruço na investigação de uma possível 'semiótica das brenhas' como forma, desenvolvendo esta através da manipulação de códigos e símbolos que compõem uma visualidade *cabocla* – evidenciando os processos histórico-geográficos que rumaram a constituição de meu corpo-arquivo.

Assim, baseio-me no repertório dessa paisagem para compreender o curso temporal como peça motriz no desenvolvimento de uma poética seminal: abraçando, nessa andada, as contradições e lacunas dos territórios da oralidade.

Tenho performance e suas derivações como principais plataformas de trabalho.



OXIDAÇÃO #3 (2020)

© MARLON DIEGO



ANA LIRA

(1977 | Caruaru – Pernambuco – Brazil)

www.tinyurl.com/anafolio

www.instagram.com/anaretratografia

www.instagram.com/chamanoar

É fotógrafa e artista visual que vive e trabalha em Recife, Brasil. As experiências em que procura estar presente passam por vivências, dinâmicas de escuta e processos de mediação. Neste sentido, os projetos que cria acontecem por meio de parcerias e criações coletivas que observam as entrelinhas e articulações das relações de poder que afetam nosso cotidiano e a forma como produzimos conhecimento no mundo.

Vivencia estes processos garimpando, articulando e elaborando estratégias de mediação e comunicação. A imagem, em suas variadas formas, as publicações, as intervenções urbanas, ações de formação e as experiências de intercâmbio com quem está buscando alternativas paralelas de existência estão inseridas nesta trilha.



CANTOS (2017)



ARIANA NUALA

(1993 | Recife – Pernambuco – Brasil)

É educadora, pesquisadora e curadora independente. Combina estratégias que começam no corpo e se condensam em escrita e imagem. O exercício na curadoria é também proposta artística e educativa, uma necessidade em acompanhar e articular que tange seus próprios processos.

Formada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (2017), atua desde então como coordenadora de conteúdo e também do educativo no Museu Murillo La Greca e integra o CARNE Coletivo (@carnecoletivo) responsável pela Mostra Palco Preto realizando ações formativas e de curadoria nas artes visuais entre artistas afrodiaspóricos de todo o país.

Seu exercício constante é incorporar práticas no seu caminhar, investigando os gestos entre o cuidar e o tensionar. Assim, busca abrir espaços de ativação em múltiplas paisagens.



MARIA MULAMBO (2019)



CAETANO COSTA

(1992 | Recife – Pernambuco – Brasil)

<https://www.instagram.com/caetanocosta>

Pensa e produz seus trabalhos via epistemologia do deboche, conceito que divaga diariamente e ainda não o formulou. Licenciando em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco.

Membro da Coletivo Uma Questão de Joyces e Coletivo Carne, participou em 2018 como curador do III Palco Preto (Recife- PE) e também membro fundador da Coletiva Infecciosxs. Seus trabalhos estiveram em algumas exposições coletivas no Brasil e África do Sul , incluindo a exposição "O que não é floresta é prisão política" na Galeria Reocupa - Ocupação 9 de Julho - Movimento dos Sem Teto do Centro (MSTC) São Paulo/SP .Realizou sua primeira exposição individual intitulada "Franqueza" na Galeria Maumau em julho de 2018 no Recife. E em 2019 foi um dos premiados do Salão Universitário de Arte Contemporânea do Sesc Pernambuco.

Vive e trabalha em Recife.



EFÊMERO (2019)

https://youtu.be/i-v_yW5_7Bo

© FELIPE CORREIA



GI VATROI

(1989 | Recife – Pernambuco – Brasil)

Graduou-se em design gráfico pelo IFPE, no ano de 2011. Inicia suas atividades no campo das artes a partir de 2016, participando da exposição coletiva ExpoCria. A artista investiga com seu corpo no mundo, processos para descolonizar o conhecimento e as relações sociais. Trabalha para perceber quem é, para curar os traumas de uma memória que foi fragmentada.

Compreende seus processos como um jeito de corpo necessário para que o encontro/cura aconteça. Seus trabalhos evidenciam como violentas práticas, mantidas na atualidade, entre instituições de poder e controle do Estado moldam a construção da subjetividade da sociedade e assume a vida como um lugar precívil de liberdade.



REFLEXO ENCARNADO (2019)



IAGOR PERES

(1995 | Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil)

Vivo e trabalho em Recife há 4 anos. Atuo nas linguagens das artes visuais. Membro do coletivo CARNE – Coletivo de Arte Negra. Artista na residência no programa Pivô Pesquisa, SP 2020. Selecionado no programa Anual de exposições do CCSP - Centro Cultural São Paulo. Residente na Villa Waldberta, Munich, GER pela residência PlusAfroT, 2019. No mesmo ano, residente em Lugar a Dudas, Calí, Colômbia a partir da premiação na 6ª Edição do Prêmio EDP Nas Artes do Instituto Tomie Ohtake, SP, 2018. Primeira exposição individual na Galeria Maumau - 2018, Recife a partir convocatória Lançamento de Artista da Galeria Maumau além de outras exposições coletivas como: O melhor da Viagem é a demora, Valongo Festival, Santos (SP) e O que não é floresta é prisão política, Galeria Reocupa, São Paulo (SP). Me interessam as densidades e substâncias visíveis e invisíveis que compõem as relações no espaço, utilizando matérias sintéticas e orgânicas e partindo da perspectiva como corpo racializado. Me atento também as relações entre os processos de formação do imaginário e a arquitetura, buscando práticas híbridas para compor processos de criação.



ESTRUTURA PARA CAMPOS DENSOS (2019)

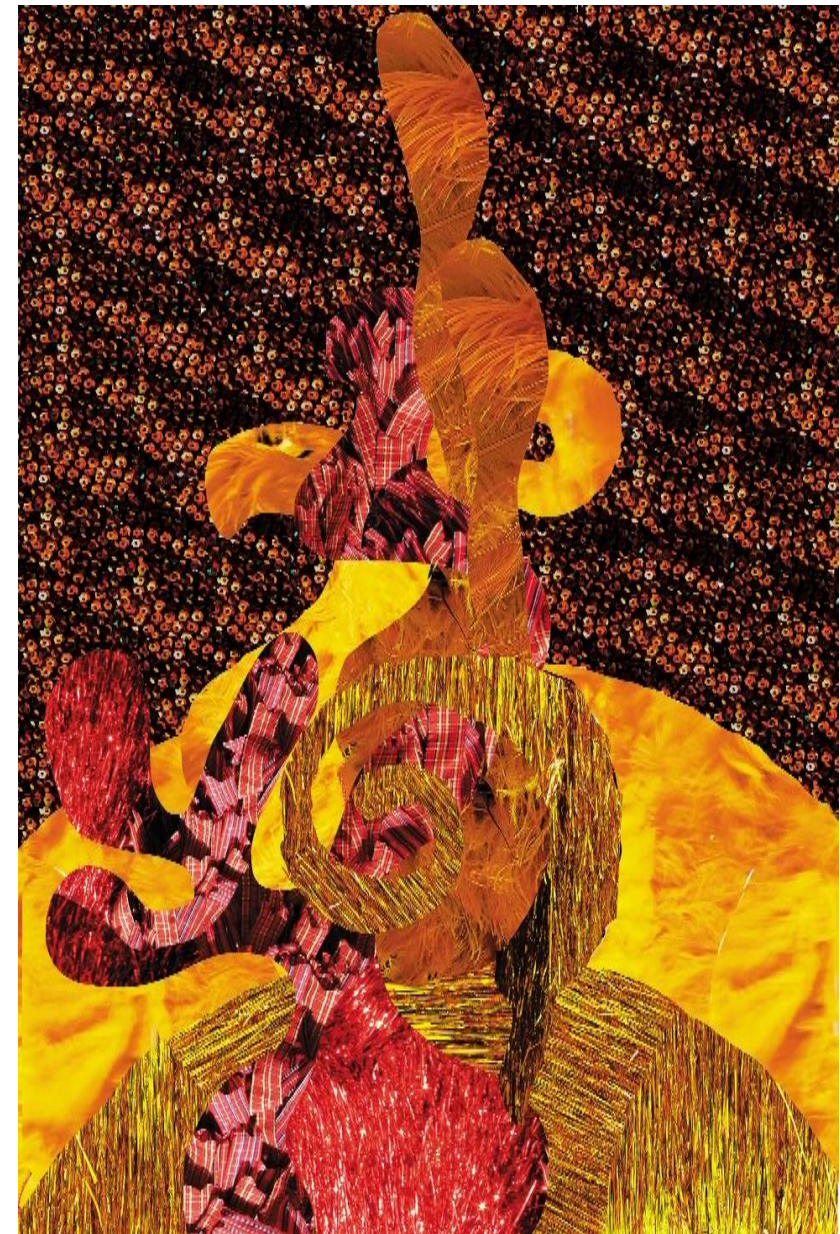


KALOR PACHECO

(1990 | Camaragibe – Pernambuco – Brasil)

<https://tinyurl.com/kalorpacheco>

Jornalista. Particpei da residência artística do Museu do Sexo das Putas (2016), e de exposições coletivas desde então: Trovoa no Museu da Abolição (2019), maumau galeria (2019), Galeria Gapão (2017), teatro espanca! e espaço centoequatro (MG, 2016). Estive Diretora de Igualdade Racial da Fundação de Cultura de Camaragibe (2017-18), e de Presidente do Conselho Municipal de Cultura (2017), onde me envolvi ainda mais com práticas culturais como o Boi, o Maracatu Rural, os Caboclinhos, entre outras. Sou também co-autora roteirista da série infantil animada *Bia Desenha*, exibida nacionalmente, finalizo em 2020 o curta-metragem *#tecnologiaaservicodaorgia*, com incentivo do edital Microprojeto Cultural.



SEM TÍTULO, da série MINI MITINHO (2019)



KILDERY IARA

(1991 | Olinda – Pernambuco – Brasil)

É performer, diretora e coreógrafa recifense, integrante do CARNE (Coletivo de arte negra) no qual faz parte do corpo de curadoras da plataforma "Palco Preto". Fez parte do elenco do Grupo experimental (PE) e Cia municipal de dança de Caxias do Sul (RS) trabalhando com criadoras como Mônica Lira, Sigrid Nora, Ney Moraes e Daggi Dornelles. Facilitou o laboratório "Barrocada" do projeto Criaturas Urbanas com Lourival Cuquinha, Ronald Duarte e Igor Peres. Tem parceria com Giordanni Gorki (Kiran) na criação do experimento coreográfico "Elégùn, um corpo em trânsito" e Francini Barros (RJ) no espetáculo "ZOE".

Atua há oito anos como arte educadora em dança no estado de Pernambuco, tendo sido também professora da Escola Preparatória de Dança em Caxias do Sul- RS. Atuou em filmes com diretores como Daniel Bandeira (PE) , Déa Ferraz (PE) , Han Zhuang (CHI/FRA) Felipe Fernandes (PE) e Manuela Andrade (PE) . Exibiu sua videoperformance "todo preto sabe sambar" no 10º encuentro de acciones en vivo y diferido (Bogota-Colombia/Salvador-Brasil) e na VIII Mostra de Performance Arte Negra – Imagem e anonimato UFBA (BA) e Mostra IP 2018.

Atualmente dirige os projetos "Por onde andam os porcos" e a performance solo "Pré-salto". Formada em licenciatura em dança pela UFPE, investe na integração de linguagens artísticas, tendo o corpo como disparador de questões.



POR ONDE ANDAM OS PORCOS (2019)

<http://vimeo.com/383214966>



LETÍCIA BARROS

(1993 | Recife – Pernambuco – Brasil)

Bacharela em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2018), vive e trabalha em Recife, é montadora audiovisual e videoartista. Em sua pesquisa, pensa o vídeo como ferramenta de experimentação visual e busca transpor nas imagens que cria paisagens emocionais emergidas de processos de escuta de si.

Como projeto de conclusão de curso realizou a videoinstalação Mônada (2018), a qual expôs na galeria Corbiniano Lins (Sesc Casa Amarela) na galeria Ana das Carrancas (Sesc Petrolina), na mostra Entremoveres (Museu da Abolição) e na exposição Mulheres que Frequentam galeria MAUMAU. Com a série fotográfica Bardo do sonho participou da exposição coletiva A Memória da Deriva no Museu Casa da Pólvora em João Pessoa-PB.



Série MÔNADA (2018)

<https://vimeo.com/302065570>



LIA LETÍCIA

(1975 | Viamão – Rio Grande do Sul – Brasil)

<https://extrato.art/lia-leticia-ferreira-leite>

<https://vimeo.com/user14889425>

Iniciou a carreira com cenografia em teatro e escola de samba. No final da década de 90 muda-se para Olinda/PE e explora a pintura em diversos suportes, inclusive o audiovisual. Surgem as primeiras investigações em videoarte e filmes experimentais. Além de escrever e dirigir seus próprios filmes, trabalha como diretora de arte. Seus trabalhos transitam entre festivais de cinema e exposições de arte e, multiplica esta experiência através de ações como o Cinecão ou como artista educadora em projetos de experimentação audiovisual, como a Escola Engenho.

Coordena coletivamente projetos da Galeria Maumau e faz parte do Carne Coletivo. Atualmente finaliza dois curtas e co-roteiriza e dirige a segunda temporada da série sobre artes visuais Brasil Visual/Canal Curta, além de preparar sua primeira exposição individual no Centro Helio Oiticica/RJ. Vive em Recife.



THINYA (2019)



MÁRIO MIRANDA (BROS)

(1994 | Camaragibe – Pernambuco – Brasil)

É um entusiasta da multiarte. Tem sua atuação focada no estudo e na prática do *Graffiti*, Muralismo, Performance, Ilustração digital. Integra o CARNE – Coletivo de arte negra desde 2018. Desenhista e Ilustrador pelo Senac/PE, o seu processo criativo tem influências das artes cênicas, conceituais e urbanas, passando pela performance, o lambe-lambe até a arte educação.

A poesia e a literatura são linguagens bem marcantes nos seus trabalhos. Questões sobre negritude, fé e abstratismos são temas recorrentes em suas produções, que vão desde telas, murais, vídeo/foto-performance, textos poéticos.

Participou de Residências artísticas focadas no estudo da arte contemporânea em Natal-RN, Paraíba, Salvador-BA, Vitória-ES, Garanhuns-PE, e Surubim-PE.



O TEMPO (2019)



VICTOR LIMAR

Artista múltiplo, professor, graduando em licenciatura em dança pela UFPE, pesquisador em culturas populares e afros, realizador e produtor cultural recifense. Tendo passado por grupos e coletivos de relevância para a cena artística nos últimos anos, tais como : BACNARÉ- Balé de Cultura Negra do Recife, CARNE- Coletivo de Artes Negras, Quadrilha junina Raio de Sol, Além dos trabalhos artísticos que desenvolveu e desenvolve de forma independente.

Dentro do universo da dança Limar trafega entre a pesquisa aprofundada em brinquedos populares, tais como a quadrilha junina, o frevo e possibilidades na diversidade corpórea da manifestação, o boi, Cavalo Marinho, entre outros folguedos. Estuda possibilidades de movimentos a partir da dança contemporânea, tendo participado de pesquisas e criações deste universo.



em cena no espetáculo **ZOE (2017)**

© BRENO CÉSAR



carne.coletivoprodução@gmail.com